

O Castello de Santa Eulalia

As referencias mais antigas que encontro sobre este castello, edificado no curso inferior do Mondego, na sua margem direita, são as seguintes:

I. Um documento do *Livro Preto* do anno de 1087, que contém o testamento do Conde Sesnando diz: «in illa angliata sub castello sancte eolalie duas villas ad integrum arazed et lamasma»¹.

II. Outro documento do *Livro Preto*, datado de 1099, diz: «illa ecclesia [sancti pelagii et sancti miliani] in castro laurelle prope ciuitas sancte eolalie iuxta flumen mondeco prope littore maris territorio colimbriense»². Por outro documento do mesmo anno e do mesmo assunto ficamos informados que o *castro de laurelle* estacionava «subtus moni de quaios discurrere riulo licena prope littus maris territorio colimbrie»³.

III. O *Chronicon Conimbricense* conta o seguinte: «In era M.^a C.^a L.^a III.^a nonas iulii fuit introitus in castello sancte eolalie de gentibus sarracenorum, feria III.^a ora VIII.^a»⁴.

IV. O *Chronicon Gothorum* diz: «Era MCLIV (1116). Nonis iulii captum fuit Castellum S. Eolalie a Sarrecenis, quod est situm sub Monte maiore, et captus fuit ibi didacus cognomento Gallina, et magna captiuitas christianorum inde translata est etiam ultra mare»⁵.

V. O *Chronicon Lamecense* limita-se a dizer: «Sarraceni occupauerunt castellum sancte eulalie nonis Iulii feria III hora nona. Era (M.C.LIIII)»⁶.

VI. A vida de S. Martinho de Soure diz o mesmo: «Nichilominus quoque plaustris, municipio sancte eulalie natura munitissimo, ab eodem rege [maurorum] ad solum usque interfectis homibus redacto ad propria rediens in opidum sauriensium frustra venisse cognouimus»⁷.

VII. Dois documentos do *Livro Preto*, pp. 85 e 214, datados de 1122, tratam de uma troca entre a rainha D. Teresa e o Conde D. Fernando de Trava, seu favorito, pela qual recaiu neste a posse «de cas-

¹ *Port. Mon. Hist.*, «Dipl.», p. 405.

² *Id.*, p. 539.

³ *Id.*, p. 538.

⁴ *Id.*, «Scriptores», p. 2.

⁵ *Id.*, p. 11.

⁶ *Id.*, p. 20.

⁷ *Id.*, p. 60.

tro quod vocatur sancta eolalia quod est fundatum iuxta castrum montis maioris» ou «castrum sancte eulalie territorio colimbrie discurrente riulo mondeco».

VIII. Em dezembro de 1166 deu D. Affonso Henriques, ao mosteiro de Santa Cruz, o «Castellum sancte Eolalie quod est in anliada cum toto suo dominio»; e, mais adiante, diz «hereditario iure cum omnibus suis directuris et terminis et cum omnibus suis pertinentijs».

Como o castello estava na posse do seu vassallo Gomez Pelagij, o rei indicou um certo numero de herdades do mosteiro, que lhe deviam ser dadas em compensação. Este diploma encontra-se no maço 12 dos *Foraes Antigos*, liv. III, p. 68.

IX. Annos depois, ainda em vida do rei D. Affonso Henriques, levantaram-se duvidas entre o mosteiro de Santa Cruz, senhor de S. Eulalia e de *tota Anliada* e a senhora de Monte-Mor, a rainha D. Teresa, filha d'aquelle, sobre a portagem de Buarcos. Pela inquirição que se fez ¹, a que assistiu *Pelagium Monachum iustitia de Anliada*, verificou-se que todos pagavam portagem aos senhores de S. Eulalia «exceptis quatuor piscatoribus de Monte maiore, qui ibant de Monte maiore in suas naues per aquam ad mare, & redibant per aquam cum suis piscibus». Este documento dá-nos noticia dos senhores do castello desde talvez a sua reconstrucção até a doação a Santa Cruz. São elles *D. Pelagius*, *D. Fernando Petri* (de Tráva?), *D. Rodericus Moniz*, *comes D. Rodericus* e *D. Gomez Pelagij*.

X. Confirmação da carta de D. Affonso Henriques, datada de 1166, por D. Affonso II em 1217².

XI. D. Affonso III, em 1272, prohibiu que cavalleiro, ordem, ou outro qualquer homem comprasse ou adquirisse herdamentos em *Aliata* ou *Santa Eolalia* sem licença do convento de Santa Cruz³.

Todas estas noticias são já conhecidas dos nossos historiadores, que as aproveitaram da maneira que se vae ver:

I. «Morto el Rey Dom Affonso [VI] de que atras se fez menção, se leuanteou outra vez contra os Christãos a furia dos Mahometanos, porque seu cruel Rey Ibemfatima ajuntando hum copioso exercito de Agarenos destruiu com grande crueldade a comarca de Coimbra. E saindo lhe os nossos ao encontro junto á villa de Miranda, ficarão vencidos, & mortos muitos Portugueses nobres. Não se contentou com

¹ Registada no *Livro dos Testamentos*, de Santa Cruz, p. 136 v e impressa na *Monarchia Lusitana*, III, 294.

² Maço 12 dos *Foraes Antigos*, liv. 3, fl. 68.

³ *Chancelleria* de D. Affonso III, liv. 1, fl. 117 v.

estes males, mas ganhando o castello de Santa Olaia, o qual por natureza era fortissimo, & passados a espada seus defensores, o arruinou de todo, & deixou destruido»¹.

II. «Era pessoa principalissima no Reyno o Conde Dom Fernando, & mui fauorecido da Rainha [D. Teresa], a este fidalgo fez entrega do Castello de Santa Olaya já reedificado, & cometeo a restauração, e defensão de Soure. Ha disto memoria em o liuro da Sé de Coimbra, como já em diferentes logares temos mostrado. Fortaleceo o Conde a Santa Olaya, & lhe pos grosso presidio de soldados...»².

III. «Este Castello de Santa Olaya, de que já algũas vezes se ha feito menção, era fortissimo pello sitio, & acomodado pella abundancia da terra & se fazer guerra delle, & por este respeito muy estimado os annos passados, em que servia de freo aos Mouros da Estremadura, & de escudo à gente Christãa. Para o que he de saber, que junto á villa de Monte mór o velho para a parte do Norte, como hum quarto de legoa se levanta hũa serra não muito alta, a qual correndo para o Occidente por algum espaço, fica cercada de campos fertilissimos, & terras muy abundantes. A ponta desta serra diuidida do mais corpo por espaço de sincoenta passos, faz hum monte leuantado em forma de ilha, rodeado de todas as partes dos mesmos campos. Terá de circuito seiscentos passos, & se levanta com quatorze ou quinze braças em alto, & ficando pella parte do Occidente rocha talhada a pique, & pellas outras a subida difficultosa. Fica no alto hũa planicie, na qual esteue antigamente o Castello de Santa Olaya, & ha hoje hũa Igreja de inuocação da mesma Santa.

O castello conforme a tradição, & indicios de algũas pedras & de hum Idolo de Iano de metal fundido, que ha pouco tempo se achou, parece ser obra dos Romanos.

Ficam senhoreando a villa de Maiorca, & os lugares visinhos, & pella fertilidade da terra, & comercio do mar (que se lhe comunica por hum esteiro notauel, que vai ter ao rio Mondego pouco distante) era muy acomodado a sustentar gente de guerra. E assi achou el Rey Dom Afonso, que não sendo tão importante ja à milicia, a qual se tinha transferido a outras partes fazia notauel esmola a Santa Cruz concedendo-lhe aquellas rendas.

Em o tempo presente está o Castello destruido, & teve antes de se entregar àquelle convento os Alcaides seguintes...»³.

¹ *Monarchia Lusitana*, III, fl. 75 v.

² *Id.*, fl. 81.

³ *Id.*, p. 215.

IV. «Nam he villa murada [Monte-Mor-o-Velho], mas está coroada com hum grande Castello, cujas ruinas o publicam haver sido grandioso e dos melhores do Reyno servio lhe de balluarte outro que esteve onde se ve a capella dedicada á Santa Eulalia no fim da serra, que lhe está ao Occidente, e nam ao norte, como alguns escreveram»¹.

Herculano pouco mais diz que Brandão: «Subjugado o [castello] de Miranda, mettidos á espada ou reduzidos á escravidão os seus defensores, os mussulmanos, atravessando para o poente, ousaram passar o Mondego e accometter o castello de Santa Eulalia juncto de Montemor. A sorte d'este foi igual á do primeiro; porventura ambos mal defendidos em consequencia da expedição em Galliza»².

«D. Theresa aproveitara esta conjunção para restaurar a linha de castellos que defendiam a fronteira meridional do districto de Coimbra. Pelo menos os de Soure e Sancta Eulalia foram por esses annos reedificados. Em 1122 o conde Fernando Peres, que possuia o de Coja sobre o Alva, cedeu-o á rainha, recebendo em recompensa o senhorio daquell'outro»³.

O Sr. Santos Rocha, benemerito archeologo da Figueira da Foz, que tem tenazmente explorado as antigualhas da região inferior do Mondego, dedicou-se em 1903 e 1904 a estudar as ruinas de Santa Eulalia ou Santa Olaia⁴. Não foi seu fito o periodo medieval, mas, como as ruinas d'esta epoca se encontram juntas a outras de periodos mais remotos, brevemente as descreveu.

Disserta sobre a situação de Santa Olaia em tempos remotos e presentes, menciona os prejuizos que soffreu a povoação com a construcção da estrada e por fim indica as civilizações que alli se succederam: na base vestigios neolithicos de antas; um pouco mais recentemente ruinas de dois povoados autóchtones, ibericos ou pre-romanos; por cima uma estação romana; e intercalados nestes restos medievaes.

Estes, que são os que mais me interessam, constavam, alem de muros de alvenaria, de uma ponta de virote de ferro e de numerosos fragmentos ceramicos e, o que é mais importante, de tres moedas iguaes de prata, que foram classificadas como sendo de Affonso VI de Leão, cunhadas depois da tomada de Toledo em 1085.

¹ *Dicc. Geographico*, t. xxiv, p. 1494. Memoria de 1758.

² *Hist de Portugal*, 1^o, 252.

³ *Id.*, 279.

⁴ «As estações pre-romanas da idade do ferro nas vizinhanças da Figueira» in *Portugalia*, t. II, fasc. 3.

É todavia opinião muito judiciosa do Sr. Santos Rocha que o outeiro hoje chamado de Santa Olaia não é o representante legitimo do antigo castello de Santa Eulalia, mas sim que ali «existiria apenas alguma fortificação avançada». O verdadeiro castello seria outro. Eis as suas palavras: «Entretanto, é certo que descobrimos no fronteiro monte de Ferrestello¹, a uma centena de metros de Santa Olaya, o alicerce de um muro medieval, medindo mais de 20 metros no comprimento, sobranceiro e paralelo ao fosso, e que seguia o pendor septentrional do mesmo monte até a estrada publica onde fôra cortada. A mais de meia encosta, do lado de Santa Olaya, uma rampa empedrada prolongava-se com este muro, dando provavelmente accesso a uma porta; e dentro da mata que cobre o monte, para nascente, notamos ainda a presença de outros alicerces numa area bastante extensa. Tudo isto indica uma construcção consideravel, indubitavelmente muito superior á que podia conter a area exigua do planalto de Santa Olaya»².

Aqui está, portanto, um campo de exploração para os investigadores da idade media portuguesa, investigadores por emquanto muito reduzidos em numero. Ainda hoje nada sabemos dos habitantes da região do Minho ao Mondego durante o periodo leonês. Escassos documentos, laconicos annaes ou *chronicões* e algumas hagiographias, são os elementos ainda não bem criticados com que pode contar qualquer historiador que queira utilizar fontes autenticas. Na falta de documentos escritos, devemos aproveitar imprescindivelmente de monumentos que falam linguagem não menos expressiva do que os da primeira especie.

O curso inferior do Mondego atravessa uma região bastante povoada em remotas eras, de que ha numerosos restos cuidadosamente explorados pela *Sociedade Archeologica* da Figueira da Foz.

No tempo romano temos duas cidades bem localizadas: são *Aeminium* e *Conimbriga*. Alem d'estas cidades temos o povoado anonymo de Santa Olaia, e na proxima freguesia de Maiorca havia em 1758, segundo conta o parochio d'ella³ «hũ sitio que vulgarmente chamam o Castello e ha tradição de que ao tempo que os Mouros possuirão estas terras ouve esta fortaleza, mas hoje nem signal se encontra das ruinas». Um dos parochos de Montemor-o-Velho, exaltando a villa, escreve⁴: «Confirmasse o nome de cidade por algumas escrituras, pella constante tra-

¹ A quinta de Farestello pertence a freguesia de S.^{ta} Eulalia de Ferreira: vid. Baptista, *Chorog. Moderna*, vol. VII (appendice), p. 334.

² *Portugalia*, II, 315.

³ *Diccionario Geographico*, ms. XXII, p. 223.

⁴ *Ibid.*, XXIV, p. 1465.

diçam, largos e espaçozos vestígios de edificios e sepulturas que mostram haver sido populosa, pois se estendia ate o sitio de Ravel, que de presente he olivedo e terras de pam em grande circumferencia. Algumas pessoas se persuadem a que teve o nome de cidade de Arravel, mas nam se deve deixar o certo pelo duvidozo». Ravel julgo que seja a antiga povoação de Arriel, de que ha documentos de 1091 e 1092¹, e da qual diz Herculano: «Arriel era uma aldeia proxima de Montemor-o-Velho, de cuja existencia actual não achamos vestígios. Num documento de 1091 (*Livro Preto*, fl. 145) lemos: «in loco qui dicitur Arriel justa civitatis Montis Maioris ad orientem, subtus monte molinus, secus flumen Mondecum»². Está, pois, este trato de terreno intermediario entre o mar e o sertão semeado de antiguidades, de que só um pequeno grupo de benemeritos procedem a inventario.

Os Arabes entraram na peninsula em 711 ou 712, e em poucos annos toda ella ficava mais ou menos nominalmente em seu poder. Só os habitantes da Cantabria, sempre alheios aos beneficios da civilização, se mantiveram tambem alheios aos desastres que os outros Peninsulares soffriam. Foragidos provavelmente de regiões mais limitrophes, e não pertencentes, como a lenda affirma, aos restos do exercito do ultimo rei godo, tambem ali se acoutaram, servindo de fermento para futuras conquistas. Ainda no mesmo seculo Affonso II, *O Casto* (791-842), suspeita Herculano, baseado em fonte que não aponta, fez uma correria «aquem do Douro até ás margens do Tejo»³. Chega mesmo em 798 a tomar Lisboa⁴. Affonso III (866-910) apodera-se de Lamego, Viseu e Coimbra. A conquista de Coimbra em 878 foi effectuada pelo Conde Hermenegildo, diz o *Chronicon laurbanense*: «Era DCCCC. XVI^a preñdita est conimbria ad ermegildo comite»⁵. Pouco tempo se conservou em poder dos asturianos. Ordonho II (914-924), no terceiro anno do seu governo, passou o Douro e correu as terras de aquem e de alem do Tejo até o Guadiana⁶. Em 936, Ramiro II (931-950) chega tambem a Lisboa⁷. Ordonho III (951-957) desceu pela Beira e Estremadura, e tomou novamente e saqueou Lisboa⁸. Julga Herculano que desde

¹ *O Arch. Port.*, VIII, 94.

² *Hist. de Portugal*, II^o, 536.

³ *Id.*, *ibid.*, I^o, 113.

⁴ Diercks, *Geschichte Spaniens*, I, 223.

⁵ *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», 20.

⁶ Herculano, *Hist. de Portugal*, I, 138.

⁷ *Id.*, *ibid.*, I, 142; Diercks, *Geschichte Spanien*, I, 269.

⁸ *Id.*, *ibid.*, 145.

esse tempo ficara em poder dos Leoneses toda a terra até o Mondego ¹. Em 987, depois de um dominio christão de trinta annos, Almansor tomou Coimbra destruindo-a, e repovoando-a de sarracenos passados sete annos, durante os quaes esteve deserta. Montemor, porém, só em 990, tres annos depois, caiu em poder de Almansor ². Em 1064, depois de setenta e sete annos de dominio muçulmano passa para os christãos. Podemos agora, portanto, fazer as seguintes ephemerides:

711 ou 712. Entrada dos Arabes.

798. Tomada de Lisboa pelos Asturianos (?).

878. Tomada de Coimbra pelos Asturianos.

914-924. Correrias até o Guadiana.

936. Tomada de Lisboa pelos Leoneses.

951-957. Nova conquista de Lisboa.

987. Perda de Coimbra.

1064. Conquista definitiva de Coimbra pelos Leoneses.

Entre 987 e 1064 conservou-se Coimbra em poder dos Muçulmanos, mas outro tanto não succedeu á proxima região de Montemor. Alem de ter sido conquistada por Almansor tres annos só depois de Coimbra, já em 1017 estava Affonso V, rei de Leão, morto mais tarde pelos mouros em Viseu, naquella villa. Em 1019 ainda estava em poder dos leoneses, perdendo-se depois, para em 1034, no dizer do *Chronicon Gotorum*, e do *Comimbricense* ou *Livro da Noa*, ser tomada por Gonçalo Trastamires. É opinião de Herculano, expendida na nota XIII do volume III da sua *Historia*, que o litoral da Beira nunca foi perdido completamente pelos christãos. Esta circumstancia é devida, ou á audacia dos leoneses poder desenvolver-se melhor na planicie e ás guarnições muçulmanas estarem encurralados nas povoações fortificadas, ou então ao auxilio interessado dos normandos. Em 1016 e 1026 temos noticia de depredações dos homens do norte, tanto ao norte como ao sul do Douro ³. Não repugna admittir que Montemor, conquistado em 1034, ainda se conservasse em poder dos Leoneses no tempo da conquista definitiva de Coimbra, em 1064.

Teria sido nestes trinta annos construido pelos Leoneses o castello de S.^{ta} Eulalia, ou teria sido posteriormente a 1064, antes das conquistas por Affonso VI de Santarem e Lisboa, em 1093?

¹ Herculano, *Hist. de Portugal*, I, 150.

² *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», 9.

³ Sampaio, «As Povoações maritimas», in *Portugalia*, II, 231. No concelho de Coimbra existe um logar chamado *Lordemão*, evidentemente derivado de *Northmann*, por meio de um genetivo.

O achado das moedas pelo Sr. Santos Rocha não é de peso para fazer acreditar que o castello fosse levantado só depois de 1085, tanto mais que em 1087 já existia, como um documento prova.

Em 1116 cae em poder dos Almoravides que no anno seguinte assaltam Coimbra, o que indica bem que o castello servia de baluarte á cidade. Depois de 1135, anno em que é fundada Leiria, começa S.^{ta} Eulalia a perder a importancia strategica. Isto é confirmado por um estatuto de 1145, que determina que os conimbrigenses defendam Leiria¹.

Como o litoral estava agora bem defendido, os ataques dos Mouros faziam-se mais pelo interior como prova o desbarato que, em 1144, o alcaide muçulmano de Santarem infligiu em Soure aos templarios, tres annos antes da conquista da antiga Scallabis².

A analyse dos nomes das povoações de origem germanica, no districto de Coimbra, dá algumas indicações interessantes para a historia.

Acceitando a presupposição do Sr. Alberto Sampaio, expendida no seu trabalho sobre as villas do norte de Portugal³, de que as denominações germanicas começam com a reconquista asturiana, achamos em parte explicada a carencia d'estes nomes nas margens inferiores do Mondego. Até 987 as conquistas dos christãos para o sul do Vouga foram precarias; sendo nulla, d'aquelle anno até 1064, a influencia christã, não podiam fixar-se neste periodo os nomes goticos. Portanto, só depois das conquistas por Fernando, os Leoneses podiam colonizar os novos territorios adquiridos; mas como já então dominavam outros modos de divisão da terra, não houve occasião de lhes dar os nomes dos seus proprietarios. Ficaram os nomes romanos, arabes e alguns germanicos anteriores a 987, e nomes communs da lingua corrente.

Dos poucos nomes que se encontram no districto de Coimbra, apenas um cabe ao concelho da Figueira da Foz, não havendo nenhum no de Mira. Vem a ser *Ramilo*, na freguesia de Alhadadas (*Angliata*). O proximo concelho de Cantanhede tem tres: *Guimara*, *Ramilo*, e *Berlengas*. O concelho de Montemor tem quatro: *Lavariz*, *Gatões*, *Revelles* e *Fermoselha*. O concelho de Soure, limitrophe da Estremadura, apresenta tres: *Belide*, *Mareco* e *Porto Godinho*.

Os concelhos que teem maior abundancia de nomes germanicos são os de Coimbra e Tábua. Coimbra apresenta seis: *Bera*, *Catão*, *Lorde-mão*, *Mourellos*, *Revelles* e *Trouxemil*. Tábua dá sete nomes: *Contumillo*, *Espariz*, *Midões*, *Sergudo*, *Sinde*, *Sameiro* e *Touris*. Esta affluencia

¹ Herculano, *Hist. de Portugal*, 1^o, 337.

² Id., *ibid.*, 355.

³ *Portugalia*, 1, 281.

de nomes germanicos explica-se por estarem os povoados em regiões montanhosas ou facilmente defensaveis, de fórma que os invasores do Sul tinham de respeitar os habitantes.

Os concelhos da Lousã, Pampilhosa, Poiares, Condeixa, Penacova, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Goes e Arganil são tambem pobres. Lousã só tem *Framillo*; Pampilhosa só tambem um: *Moninho*; Poiares tem dois: *Balteiro* e *Framillo*; Condeixa tres: *Belide*, *Ega* e *Sarrazina*; Penacova, Miranda do Corvo e Oliveira do Hospital, respectivamente: *Lufreu*, *Miro* e *Gondelim*; *Fraldeu*, *Segade* e *Gaiate*; *Samaldo*, *Cinde* e *Val de Godinho*. Arganil e Goes ¹ tem cada um d'estes concelhos quatro nomes: *Anseriz*, *Adefroia*, *Reçamonda* e *Sahil*; e Val do *Safredo*, Val de *Godinho*, Val de *Egos* e *Inviando*.

Em quasi todos estes nomes facilmente se encontra o vestigio de genetivo. Para os nomes *Anseriz*, *Espariz*, *Lavariz* e *Touriz* é *-ici*; para *Sahil* é *-gildi*; para *Trouxemil* é *miri*; para *Fraldeu* e *Lufreu* é *-redi*; para *Gatões* e *Midões* é *-onis*; para *Gondelim* é *-ini*; e para *Belide*, *Cinde* (aliás *Sinde*), *Sinde* e *Segade* é simplesmente *-i*.

D'esta resumida resenha, em que ha muito que alterar evidentemente, conclue-se que a parte maritima do districto foi tão profundamente revolvida pelos guerreiros, que a assolaram, que quasi todos os vestigios da primeira colonização asturiana desapareceram, ao passo que outras regiões do districto, que deviam ser naturalmente o alvo mais insistente da conquista, devido á sua riqueza, conseguiram manter-se, como succedeu ao territorio do municipio de Coimbra. Este facto deve-se ás fortificações onde se acolhiam os proprietarios, que assim fugiam ás pequenas razias, ainda assim mais prejudiciaes que as conquistas em grande escala, como serve de exemplo a de Almansor. Que a região maritima, posto que desolada, se mantivesse pelos Leoneses deve-se talvez ao favor dos Normandos que sabemos no reinado de Vermudo III (1028-1037) se encontrava alliados aos Christãos ².

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ Baeta Neves na *Noticia historica e topographica da villa de Goes e seu termo*, Lisboa 1897, p. 59, transcreve um documento de 1124 em latim, no qual identifica varios nomes. Entre elles conta-se *Zacoi*, que parece germanico e que é hoje Sações, aliás Çacões; *Perilion*, hoje Prilhão; e *Magarufi*, hoje Magarufu. No referido encontra-se escrito *Goez*.

² «As Povoas Maritimas» in *Portugalia*, 230. Sobre os Normandos temos os dois opusculos de Adam Kristoffer Fabricius, publicados em 1892 pela Sociedade de Geographia de Lisboa: *La première invasion des Normands dans l'Espagne musulmane en 844*; *La connaissance de la Péninsule espagnole par les hommes du Nord*.